

APRENDER MITOLOGIA NOS MUSEUS, PALÁCIOS E JARDINS

Filomena Barata¹

Resumo

Pretende-se com o projecto “Aprender Mitologia nos Museus, Palácios e Jardins” fazer o reconhecimento de alguns Mitos que nos acompanham ao longo dos séculos, representados em edifícios ou espaços públicos.

Palavras-chave

Mitologia; museus; palácios; jardins.

¹Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. E-mail: barata.filomena@gmail.com
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

Abstract

The project “Learning Mythology in Museums, Palaces and Gardens” aims to recognize some Myths existing in buildings and public spaces that have accompanied us throughout the centuries.

Keywords

Mythology; museums; palaces; gardens.

“Olha, até Atlas está bem aflito, e a custo sustém nos ombros o eixo incandescente do céu”. Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II



Imagem 01: "Atlas e Europa", Sala de D. João VI, sul/nascente Arcângelo Foschini. Palácio Nacional da Ajuda. Lisboa.

1 - O Projecto

Os grandes mitos da Grécia antiga estão, directa ou indirectamente, ainda presentes na nossa cultura. De tal forma que os temas mitológicos e as alegorias são uma constante nos elementos decorativos ou de mobiliário de palácios, monumentos e jardins portugueses. Muitos espaços e coleções dos nossos museus contemplam estas temáticas, ao longo dos séculos.

Tentaremos, assim, abordar a Mitologia entendida como história de personagens sobrenaturais, cercados de simbologia e venerados sob a forma de deuses, semideuses e heróis, que regiam as forças da Natureza e do Cosmos; é contada através de um conjunto de fábulas que explicam a origem dos mitos, das divindades mitológicas, que tinham nas mãos o destino dos homens e regiam o mundo.

Quer para os Gregos, quer para os Romanos, os Mitos são parte integrante da sua crença. Uma multidão de deuses, semideuses e heróis explicam a origem da vida, o Cosmos, as forças da Natureza, as estações do ano, a morte, a fertilidade, a guerra, a paz.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

Entre muitos deuses da Natureza, temos o mundo das divindades da Floresta, dos Faunos, dos Sátiros, das Ninfas, em todas as suas feições, de Dioniso/Baco, das Bacantes, e todas as outras deidades dos bosques, das montanhas, dos mares, das propriedades agrícolas e dos ciclos ou Estações do Ano. Deméter/Ceres, Dioniso/Baco, Vertumno e Pomona, Zéfiro e Flora, Pã e Silvano, protegendo os jardins e as árvores de fruto, serão algumas que agora nos acompanharão.

O projeto “Aprender Mitologia nos Museus, Palácios e Jardins” da [Associação Clenardus: Promoção e Ensino da Cultura e Línguas Clássicas](#), Grupo de Cultura, tem como objectivo principal desenvolver um conjunto de actividades que visa o estudo da Mitologia Clássica, através da Literatura, da Arqueologia e da História de Arte.

A estratégia para o desenvolvimento do projecto passa por organizar visitas orientadas a espaços onde a Mitologia esteja presente, realizar encontros e acções de Formação e elaborar um banco de dados temático.

O Projecto iniciou-se, em 2018, com um conjunto de acções realizadas no Palácio Nacional da Ajuda e no Museu Nacional dos Coches, inaugurado em Lisboa por iniciativa da rainha D. Amélia d’Orleães e Bragança, princesa de França, casada em 1886 com o futuro rei de Portugal D. Carlos I, com a designação de “Museu dos Coches Reaes”. Mas incluiu também o Museu Nacional de Arqueologia, criado por Decreto Régio em 1893, sob a designação de “Museu Etnológico Português”, e o “Museu Municipal de Loures”.

Gradualmente estendeu-se a outros locais, através da participação no “Festival Romano”, em actividades promovidas pelo Museu de S. Miguel de Odrinhas, Sintra; no Festival Romano de Alter do Chão; no Colégio Militar - Palácio de Mesquitela; no Museu da Fundação da Cidade Romana da *Ammaia*, Marvão, no Museu Arqueológico Municipal do Fundão e no Museu Municipal de Serpa, entre outras². Também se efectuaram várias acções de formação e visitas orientadas a outros jardins de Museus e Palácios portugueses, a exemplo da Quinta da Regaleira; do Palácio de Queluz.

²Aproveito para agradecer publicamente a todas as entidades mencionadas neste trabalho que permitiram que fosse possível o desenvolvimento deste projecto.

Foram ainda realizadas várias conferências e acções de formação sobre o tema.

Devido à pandemia que atravessamos muitas das iniciativas tiveram de encontrar alternativas não presenciais, tendo-nos socorrido dos meios disponíveis online, designadamente através da criação de quizzes (inquéritos). [Aqui](#)

Foram também dados vários contributos na execução de exposições virtuais para a *Google Arts and Culture*, com a colaboração da signatária, a exemplo do [Mosaico das Musas](#); O [Longo Caminho de Baco](#) e de [Uma longa Viagem: os Coches e os seus Mitos](#), realizada em torno dos três majestosos Coches da Embaixada de D. João V ao Papa Clemente XI (1716).



Imagem 02: Os três coches da Embaixada de D. João V ao Papa Clemente XI. Coche da Coroação de Lisboa, Coche dos Oceanos e Coche do Embaixador, Ao centro Coche dos Oceanos. Museu Nacional dos Coches, Lisboa Fotografia: Pedro Beltão. Museu Nacional dos Coches.

Os Coches da Embaixada, construídos em Roma no mais perfeito estilo barroco, apresentam diversos elementos simbólicos e alegorias à Pátria que se mesclam com a Mitologia clássica, sendo possível, através deles, conhecer episódios curiosos e inéditos da História de Portugal.

A exposição o [“Longo Caminho de Baco”](#) organizou-seem volta do Coche das Infantas, uma viatura de aparato, datada de meados do século XVIII, *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

utilizada pelas quatro infantas filhas de D. José I: D. Maria Francisca, futura rainha D. Maria I, D. Maria Ana Francisca Josefa, D. Maria Francisca Doroteia e D. Maria Francisca Benedicta. Ricamente decorado com motivos *rocaille*, nele estão representadas muitas figuras mitológicas, a exemplo de Vénus e de Baco.



Imagem 03: Palácio Nacional da Ajuda.
<http://www.matrizpix.dgpc.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&Numpag=1®pag=50&critério=O+Cons%c3%adlio+dos+Deuses&idfoto=103755>, 2014 Copyright:© DGPC [Aqui](#)



Imagem 04: Pintura mural "Neptuno é informado por Mercúrio da realização do conselho", Sala de D. João VI, tecto, poente/norte. Arcângelo Foschini. Fotografia: José Paulo Ruas, 2014© DGPC. [Aqui](#)

Tentou-se que as visitas temáticas em torno da Mitologia fossem também acompanhadas pela componente literária, tanto mais que muita dela influenciou a criação das obras artísticas. Este é o motivo pelo que as tentaremos associar também aqui.

Não podemos aqui deixar de invocar o grande poeta Luís de Camões (1524-1580), autor da epopeia *Os Lusíadas*. Tratando-se de uma das obras mais importantes da literatura portuguesa e expoente do Classicismo, onde se mesclam factos da História Portuguesa e intrigas dos deuses *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

grego-romanos, que procuram ajudar ou inibir o navegador português, a epopeia de Camões inicia-se com o Consílio dos Deuses, tema que será representado amiúde na pintura ou em tapeçarias, desde o século XVII.

20

"Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21

Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Céu, a Terra, e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.
Canto I, *Os Lusíadas*. Edição Expresso.

2 - Os Deuses e a sua representação

Verificámos, através das nossas visitas temáticas, que, quer na pintura parietal e azulejar, quer na estatuária, em vários outros elementos decorativos e mesmo no mobiliário, em Época Moderna, desde o século XVIII, os deuses são uma constante em múltiplos espaços.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

O conjunto das divindades aquáticas são das mais recorrentes no território nacional, sob todas as suas formas, normalmente associadas a fontes, fontanários, embora também surjam noutros contextos, designadamente na pintura parietal, mas ainda em objectos de uso comum, mencionando, apenas a título de exemplo loiças e mesmo paliteiros. Posídon/Neptuno, o deus dos Mares é, sem dúvida, muito do nosso apreço, bem como todo o seu séquito.

Anfitrite, filha da ninfa Dóris e de Nereu, portanto uma nereida, esposa de Posídon e deusa dos mares, é também amiúde representada. Os Tritões são, pois, uma contante nas nossas expressões mitológicas. Como que fazendo juz a texto da Antiguidade que os dava como habitantes do Ocidente.

“Uma embaixada de olisiponenses, para esse efeito enviada, anunciou ao embaixador Tibério que tinha sido visto e ouvido, numa gruta, tocando búzio, um Tritão cuja forma é bem conhecida. Também não é falsa a ideia que se tem das Nereidas, com corpo coberto por escamas, mesmo na parte em que têm figura humana. De facto, também na mesma costa se avistou uma em agonia e cujo canto triste os habitantes ouviram ao longe.” GUERRA, Amílcar. *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. 1995.

Também o primordial Oceano é muito representado. Era, na Mitologia Clássica, o grande Rio que rodeava a Terra, filho primogénito de Úrano (Céu) e de Gaia (Terra), ou seja, o mais velho dos Titãs. Era como a personificação das águas correntes e de todas as fontes de água doce que existem no planeta Terra.



Imagem 05: Anfitriote e o seu séquito. Coche de D. Maria Francisca Benedicta. Giuseppe Troni (Turim, 1739 - Lisboa, 1810). Picadeiro Real/ Museu Nacional dos Coches.

Plínio-o-Velho (23 -,79 d.C.) afirmava que:

“O mundo inteiro é cingido por mar que corre a toda a volta segundo um grande círculo; e não é de modo nenhum necessário procurar provar por argumentos o que é já conhecido pela experiência.

Hoje em dia, a partir de Gades e das colunas de Hércules, navega-se em todo o oceano Ocidental, contornando a Espanha e as Gálias. Quanto ao oceano Setentrional, ele foi percorrido na sua maior parte, quando, sob os auspícios do divino Augusto, uma frota fez a volta à Germânia até ao promontório dos Cimbros; (...).” (Plínio, o Velho *NH*, II, 166-168).

O Oceano tem, entre nós, representações desde a ocupação romana do território, salientando o fabuloso “Mosaico do Oceano” com associação aos ventos (Euro e Bóreas) de *Ossonoba*, datável dos séculos II-III. Parece indiciar a importância marítima da *cidade*, porto onde se cruzariam influências diversas do norte de África e do Oriente mediterrâneo. Também em Alter do Chão, no Mosaico da Casa da Medusa, o Oceano está figurado.

Em épocas mais recentes da História, pós Renascimento, o Oceano e o Rio Tejo fazem-se representar, muitas vezes, com os atributos semelhantes ao de Posídon e as Nereidas são substituídas pelas Tágides, ou ninfas do Tejo, aludindo à obra camoniana.



Imagem 06: Mosaico do Oceano. Século II ou inícios do III d.C. Museu Municipal de Faro.



Imagem 07: "O Pai Oceano sentado sobre uma balêa, he acompanhado pelas suas filhas Nereidas". Número de Inventário: 51840 DIG. Palácio Nacional da Ajuda. Sala de D. João VI, Topo Sul. Arcângelo Foschini. Fotógrafo: José Paulo Ruas, 2014 Copyright:© DGPC. [. Aqui](#)



Imagem 08: Rio Tejo. Palácio do Marquês de Pombal. Fotografia: Horácio Ramos.

A intervenção efectuada no século XIX, no Palácio da Ajuda, de que falaremos neste trabalho, é um exemplo de como se leva ao expoente essa relação com as divindades do panteão clássico, quando o próprio rei, D. João VI, é representado a regressar a Portugal vindo do Brasil, no carro do deus dos Mares com todo o seu séquito.



Imagem 09: Copyright: Alegoria do Feliz Regresso de D. João VI (pormenor), Palácio Nacional da Ajuda. Arcângelo Foschini, 1825. Fotografia: José Paulo Ruas, 2014© DGPC
Número de Inventário: 51834.03

Também nas viaturas hipomóveis, sejam as Reais, da Nobreza ou mesmo as Clericais, nos seus painéis exteriores, reflectem o classicismo que já

poeta Camões havia consagrado n'Os *Lusíadas* e que o barroco e neo-classicismo retomarão.

Alguns dos expoentes da consagração da cultura clássica nas viaturas hipomóveis são, do meu ponto de vista, o coche de D. Maria Francisca Benedicta, em exposição no antigo Picadeiro Real/Museu dos Coches, e o Coche das Infantas, no novo Museu dos Coches, bem como os Coches da Embaixada de D. João V ao Papa Clemente XI.

O Palácio do Marquês de Pombal, Oeiras, edificado entre 1720 e 1730, é um exemplo notável do património dessa centúria, com projecto de Carlos Mardel, famoso arquiteto húngaro que teve papel privilegiado na reconstrução pombalina de Lisboa, aquando do terramoto de 1755. Os Jardins do Palácio, inspirados no Palácio de Versailles, ostentam uma riqueza assinalável, no que respeita a elementos mitológicos, quer representados em azulejos, como em estatuária. Num desses painéis de azulejos sobressai a representação de Apolo e das Musas.

A presença da Abundância, no seu salão nobre do Palácio, remete-nos a outros lugares onde esta divindade alegórica, geralmente coroada de flores, segurando a cornucópia, garante a prosperidade da Casa ou da Viatura, a exemplo do Coche das Infantas de que falaremos.

Aqui, logo à entrada do Palácio Marquês de Pombal, embora não pertençam à sua construção original, deparam-se-nos duas estátuas colossais de Fauno e Polifemo, que nos introduzem nos mitos da Natureza. Também nas fachadas do Palácio pontuam outras divindades, como Juno/Hera, Atena/Minerva e Afrodite/Vénus.



Imagem 10: Palácio Marquês de Pombal, Oeiras. Fotografia a partir de [Aqui](#)

As Estações do Ano, esse tema recorrente, ao longo dos séculos, desde Época Romana, também estão presentes no jardim do Palácio do Marquês de Pombal, bem como as divindades marinhas.

Na mitologia grega, *Horae*, filhas de Zeus e Témis, representavam as estações do ano e personificavam a ordem do mundo e as horas do dia.

Inicialmente eram referidas apenas três: Irene (paz), Dice (justiça) e Eunómia (disciplina). Mas existem mais nove Horas que são guardiãs do ciclo anual de crescimento da vegetação e das estações do ano (Talo, Carpo, Auxo, Acme, Anatole, Dice, Diceia, uma deusa menor da Justiça, Eupória, Gimnásia).

Para alguns autores Clóris, deusa da Primavera, correspondendo entre os Romanos à Flora, era também uma das Horas.

As *Horae* eram também as guardiãs das portas do Olimpo, organizando a passagem das estrelas e participavam do cortejo de Afrodite e dos demais deuses e deusas relacionados com o trabalho agrícola e à passagem das estações. Eram responsáveis por guardar a ambrósia, alimento dos deuses e oferecê-lo aos humanos que merecessem a imortalidade e a divinização.

Por vezes foram associadas às Moiras que eram suas meias-irmãs. Cuidaram de Hera na sua infância e ajudaram no aperfeiçoamento de Pandora, tendo assistido ao nascimento de Hermes e Dioniso.

Gradualmente as *Horae* passaram a personificar a divisão do dia e foram consideradas filhas de Cronos - o Senhor do Tempo que consome as suas próprias criações - e companheiras do Sol e da Lua, motivo pelo que a presença de Cronos se faz sentir até nos objectos de mobiliário e pessoais.

Dada a sua conotação com o Tempo, são recorrentes as representações de Cronos em objectos de relojoaria espalhados por inúmeros Palácios portugueses.



Imagem 11: Relógio de mesa (três mostradores). Número de Inventário:16127
TCFotografia: José Pessoa, 1996. Copyright: © DGPC.



Imagem 12: Tampa gravada com ilustração mitológica encomendada por Carvalho Monteiro a Luigi Manini. Reverso. Fotografia: Museu do Tempo, Besançon. Comentário a partir de: Manuel J. Gandra, [António Augusto Carvalho Monteiro. Imaginário e Legado](#).³

No Palácio Nacional da Ajuda, deparamos no tecto da escadaria de acesso ao primeiro piso do palácio como uma das mais belas representações de Cronos, situação que se repete noutros locais.

³ A história deste relógio, identificado como Leroy 01, começa em 1867, quando o conde moscovita Nicolas Nostitz encomendou à famosa casa de relojoaria Le Roy & Fils, mais tarde L. Roy & Cie., um relógio com onze complicações, que veio a ser exposto na Exposição Universal de Paris de 1878. Com a sua morte, em 1897 António Carvalho Monteiro adquiriu o relógio, porém, mandou acrescentar-lhe mais complicações. O relógio Leroy 01, actualmente em exposição no Museu do Tempo (Besançon, França), foi fabricado, entre Janeiro de 1897 e 1900, pelo relojoeiro Charles Piquet, da firma de Relógios de Precisão Le Roy, de Besançon (França). A encomenda foi feita por António Augusto Carvalho Monteiro, de acordo com a sua idealização e minuciosas instruções. In: Manuel J. Gandra, *António Augusto Carvalho Monteiro Imaginário e Legado*. https://www.academia.edu/16414899/A_A_Carvalho_Monteiro_imagin%C3%A1rio_e_legacy



Imagem 13: Cronos devorando um dos filhos, enquanto Reia segura uma das crianças no braço esquerdo. Século XIX. PNQ 1884. Palácio Nacional da Ajuda. [Aqui](#)



Imagem 14: Cronos. Palácio Nacional da Ajuda;

Assinalamos que, em território português, há vários exemplares musivos, de que salientamos os das *Villae* Romanas do Rabçal, de Conímbriga e de Pisões com representações das Estações do Ano.

Também de época romana são imensas as referências literárias às Quatro Estações, recordando o exemplo de vários autores, entre eles poeta Virgílio:

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

“(...) Quando renasce a Primavera, e frios regatos correm das montanhas cobertas de neve, e o Zéfiro desagrega as leivas, é chegada a ocasião dos bois começarem a gemer sob o peso do arado tanchando a fundo, e de rebrilhar ao sol a relha desgastada pelo roçar nos sulcos. (...)”

Virgílio, *As Geórgicas*, IV (ed. Ruy Mayer, Livraria Sá da Costa, 1948.)

Por sua vez, Ovídio (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.), fazendo uma correlação das estações do ano com a vida individual, recorda-nos que:

"Não há coisa alguma que persista em todo o universo. Tudo flui, e tudo só apresenta uma imagem passageira. O próprio tempo passa como um movimento contínuo, como um rio...

O que foi antes já não é, o que não tinha sido é, e a todo instante traz algo novo. Vês a noite, próxima do fim, caminhar para o dia, e a claridade do dia suceder a escuridão da noite... Não vês as estações do ano se sucederem, imitando as idades de nossa vida? Com efeito, a Primavera, quando surge, é semelhante à criança nova... A planta nova, pouco vigorosa, rebenta em brotos e enche de esperança o agricultor. Tudo floresce. O fértil campo resplandece com o colorido das flores, mas ainda falta vigor às folhas. Entra, então, a quadra mais forte e vigorosa, o verão: é a robusta mocidade, fecunda e ardente. Chega, por sua vez, o outono: passou o fervor da mocidade, é a quadra da maturidade, o meio-termo entre o jovem e o velho; as tēmporas embranquecem. Vem, depois, o tristonho inverno: é o velho trôpego, cujos cabelos ou caíram como as folhas das árvores, ou, os que restaram, estão brancos como a neve do caminho.

Também nossos corpos mudam sempre e sem descanso... E também a natureza não descansa e, renovadora, encontra outras formas nas formas das coisas”.

Ovídio, *Metamorfoses* (tradução de Bocage).

Por sua vez, Claudiano (ca.. 370 -404) assim se refere à Primavera:

“Ó caríssimo pai da Primavera, que sempre reinas através dos meus prados com sopro folgazão e refrescas a estação com o teu contínuo hálito, observa a reunião das ninfas, a excelsa descendência do Tonante, pelos nossos campos dignando divertir-se (...) E o Zéfiro sacode as asas de um novo néctar impregnadas e fecunda as terras com um febril rocio. Para onde quer que voe segue-o rubor primaveril. Toda a terra rebenta em ervas, e a abóbada celeste descobre-se num sereno céu aberto. Pinta as rosas em sanguíneo esplendor, veste de negro os mirtilos e pinta as violetas com uma aprazível cor escura”.

Claudiano (c. 370 - 404), *Rapto de Prosérpina*



Imagem 15: Mosaico das Estação do Ano: Primavera, Verão e Outono. *Villa Romana do Rabçal*

As representações das Estações do Ano seguem a figuração mais comum das mesmas. Genericamente, a Primavera é simbolizada por uma jovem com flores, personificada pela deusa Flora; a deusa Deméter/Ceres é a alegoria do Verão, com o usual ramo de espigas; Baco é a alegoria do Outono e um ancião com um braseiro nas mãos simboliza, normalmente, o Inverno.

Deméter, a deusa da agricultura e das colheitas, era na Mitologia Grega filha de Cronos e de Reia, segundo Hesíodo, ou de Ops, Vesta, ou Cíbele, segundo outras versões do mito.

Deméter/Ceres surge em Roma, a par de Perséfone/Prosérpina e Dioniso/Baco, por volta do século V a. C., sendo-lhe conferidos amplos poderes: deusa da Terra, a “Deusa-Mãe”, da Natureza, protectora das mulheres e dos partos, e do amor maternal. Sendo deusa da agricultura, acompanha Dioniso, deus da vinha e do vinho, para ensinar os homens a cultivarem a terra.

Teve uma filha com seu irmão Zeus chamada Perséfone (a Prosérpina romana) que vivia meio ano nas profundezas da Terra e outra metade vinha ajudar a sua mãe. Com o seu regresso inaugurava-se a nova estação, marcada pelo Equinócio da Primavera.

Segundo a versão do Mito do poeta Ovídio, um certo dia de primavera, Zéfiro, o vento oeste, avistou a ninfa Clóris, apaixonou-se por ela e transformou-a em Flora. Como prova de seu amor, Zéfiro nomeou a sua amada como rainha das flores das árvores frutíferas e concedeu-lhe o poder de germinar as sementes das flores de cultivo e ornamentais, entre elas o cravo.

A *Floralia* era o festival romano realizado em honra à deusa, para consagrar as florações da Primavera. Sob a protecção do oráculo dos livros Sibílicos, em 238 a. C., foi construído um templo em honra de Flora, dedicado em 28 de Abril.



Imagem 16: A Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno. Palácio Marquês de Pombal. Oeiras. Fotografias: Horácio Ramos

O Outono, representado por Dioniso/Baco, o deus grego das festas, do vinho e da fecundidade, cuja representatividade é enorme, no nosso território português, ao longo dos séculos, merece-nos um destaque particular. Segundo algumas versões do mito, foi morto pelos Titãs e cortado em 14 pedaços, motivo pelo que é considerado entre as “Religiões

Mistéricas”. Noutras versões do mito assume-se Dioniso ou Baco como filho de Zeus/Júpiter e da princesa Seméle.

Associado a *Liber Pater* e sua divina esposa *Libera*, gradualmente estas duas divindades relacionadas com a fertilidade e o vinho foram assimiladas por Dioniso/Baco.

“Até aqui tratei o cultivo dos campos e os astros do céu.
Agora, Baco, cantar-te-ei, e contigo as árvores silvestres
e os frutos da oliveira que crescem vagarosamente.
Vem até aqui, ó Leneu, meu pai! Aqui está tudo cheio das tuas oferendas. Para ti,
carregado das outonais parras,
floresce o campo, espuma a vindima em talhas cheias.
Vem até aqui, ó Leneu, meu pai! E, tirando os coturnos,
tinge comigo as pernas nuas com o novo mosto”.
Vergílio, *Geórgicas*, (Int. Tr. e notas: Gabriel A. F. Silva), Livros Cotovia. Lisboa.
2019.

Baco foi uma das divindades que mais expressão teve na Lusitânia romana. Séculos mais tarde, encontrá-lo-emos profusamente figurado em pinturas parietais, azulejos ou cerâmicas, bem como nos coches e berlindas, ricamente ornadas com pinturas e esculturas mitológicas nos seus painéis e alçados.



Imagem 17: Baco - Alegoria do Outono. Palácio Nacional da Ajuda.



Imagem 18: Dioniso/Baco. Quinta da Regaleira, Sintra



Imagem 19: Baco. Palácio Nacional de Queluz.

De Época Romana destacamos o célebre “Mosaico das Musas”, proveniente da *villa* romana de Torre de Palma, Monforte, onde, num dos seus painéis, se representa “o Triunfo Indiano de Baco”.

Conhecida é essa grande viagem mitológica percorrida por Baco no Oriente, até à Índia. De regresso, vitorioso, faz-se acompanhar por um séquito, onde participam Sileno; Bacantes; Ninfas; Sátiros e mesmo o deus Pã. “O Triunfo Indiano de Baco” é tema recorrente na pintura, em tapeçarias e outros suportes.

"(...) Ora, o sacerdote ordenara que um festival

fosse celebrado, e que as servas e as matronas, dispensadas

dos seus afazeres, cobrissem o peito com peles de animais,
soltassem do cabelo as fitas, e, de grinaldas na cabeça, tirsos
frondosos empunhassem. Vaticinara ainda que a ira do deus,
se ofendido, seria terrível. Obedecem matronas e jovens.
Pousam os teares e os cestos e os novelos deixados a meio,
queimam incenso, invocam Baco: chamam-lhe Brómio, Lieu,
Filho do Fogo, Nascido duas vezes, Único a ter duas mães.
A estes somam o nome Niseu, o de Tioneu de cabelo intonso,
E, com o de Leneu, o de Plantador da videira festiva,
e o de Nictélio e o de seu pai, Eleleu, e de iaco e de Évan,
e todos os outros títulos sem conta que os povos da Grécia
te conferem, ó Líber."

(Ovídio, *Metamorfoses*, Livro IV vv: 1-25, 2004)



Imagem 20: Triunfo de Indiano de Baco. Painel do Mosaico das Musas. *Villa romana de Torre de Palma*. Museu Nacional de Arqueologia.



Imagem 21: Baco e Ariadne. Conche das Infantas. Museu dos Coches. Fotografia: Pedro Beltrão.⁴



Imagem 22: Representação báquica. Quinta do Conventinho, Loures.

⁴ O Coche das Infantas é ricamente decorado com temas mitológicos.



Imagem 23: Cangirão de faiança, com representação de um Sátiro. Na tampa está figurada uma personagem feminina, muito possivelmente uma Ninfa. Fábrica de Louça de Sacavém, com marca gravada Sacavém e datado de 1925. Fotografia e comentário de Museus de Loures.



Imagem 24: Caneca de prata e marfim. N.º de Inventário: 465. Palácio Nacional da Ajuda. Bojo cilíndrico decorado em alto relevo com sátiros e *putti* celebrando a festa do vinho. [Aqui](#)

O poeta da grande epopeia *Os Lusíadas* dá a Baco o papel de opositor à viagem dos Portugueses à Índia, no Concílio dos Deuses. Contudo, assume os filhos ou companheiros de Baco como os progenitores dos povos da Lusitânia, fazendo-a equivaler ao actual Portugal.

"Esta é a ditosa pátria minha amada,

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

A qual se o Céu me dá que eu sem perigo

Torne, com esta empresa já acabada,

Acabe-se esta luz ali comigo.

Esta foi Lusitânia, derivada

De Luso, ou Lisa, que de Baco antigo

Filhos foram, parece, ou companheiros,

E nela então os Íncolas primeiros".

(Camões, *Os Lusíadas*, Canto III)

Pã (Lupércio ou *Lupercus* em Roma) é também uma das personagens constantes na iconografia portuguesa. Presente no séquito de Baco, era meio homem, meio animal, figurando as forças da natureza. Filho de Hermes/Mercúrio e de Penélope, segundo algumas narrativas mitológicas; de Júpiter com a ninfa Timbres ou Calixto, segundo outras; ou mesmo de Ar com uma Nereida ou ainda do Céu e da Terra, teria nascido com cornos e pernas de bode e era muito irrequieto.

Terá sido ao seu desejo pela ninfa Siringe, escondida entre as canas para dele fugir, que se deve o aparecimento da flauta com o seu nome. A música apresenta-se aqui, como em muitos outros mitos, um elemento civilizacional e apaziguador, pois é graças a ela que Pã acaba por ser aceite pelas ninfas que dele se afastavam, porque a sua figura assustava, causando pânico.



Imagem 25: Painel com representação de Pã e Siringe. Coche de D. Maria Francisca Benedicta. Museu Nacional dos Coches.



Imagem 26: Pã, palácio Nacional de Queluz.



Imagem 27: Representação de Pã. Quinta da Regaleira, Sintra

Mas a riqueza da estatuária de cariz mitológico não termina por aqui, num dos espaços já referido, o Palácio Marquês de Pombal.

Uma outra Ceres já havia feito a aproximação ao jardim, na balaustrada que o antecede, bem como um conjunto de outras divindades como Diana/Selene, Minerva e ainda heróis, como Hércules.

Múltiplas são, aliás, as representações de Diana/Selene em museus e jardins nacionais.

Artemisa/Diana, irmã de Apolo, também é representada de forma recorrente, a exemplo do actual Museu Nacional do Traje, outrora Palácio Angeja-Palmela.

Tal como Hélio, a partir de sua identificação com Apolo, é chamado *Febo* ("brilhante"), Selene, a partir da sua homologação com Artemisa, também é comumente referida pelo epíteto *Phoebe* (forma feminina). Assim como Hélio conduz o carro do sol, Selene é a deusa lunar e conduz o seu carro, até ao raiar da aurora, personificada em Eos.



Imagem 28: Diana/Selene (?) Fotografia: Horácio Ramos. Palácio Marquês de Pombal.



Imagem 29: Diana. Museu Nacional do Traje.



Imagem 30: Coche de D. Maria Francisca Benedicta, painel lateral inferior esquerdo, frente. Fotografia: Henrique Ruas, 1987. Copyright:© DGPC

No Museu dos Coches, no Coche de D. Francisca Benedicta, há uma das mais belas representações do mito de Selene e Endimião, o jovem a quem a Lua visita diariamente. O seu amor pelo mortal Endimião, um caçador ou pastor, segundo a maioria das variantes do mito, ou um rei, segundo Pausânias, ficou gravado na Mitologia.

Zeus, a pedido de Selene, prometeu a Endimião cumprir um desejo, por mais difícil que fosse. Endimião pediu um sono eterno, para que pudesse permanecer jovem para sempre. Maravilhosamente belo, permanecia adormecido na encosta de uma montanha no Peloponeso, ou no monte Latmos, na Cária, perto de Mileto. Noite após noite, Selene descia atrás do monte para visitá-lo.

Também nas viaturas hipomóveis estão presentes as Quatro Estações do Ano, cada uma delas com a sua simbologia característica. Sileno, o tutor de Baco, é também uma presença constante, bem como um conjunto alargado de outras divindades.

Recordemos o texto de Virgílio:

"Existem duas divindades (...) que ocupam o primeiro lugar no meio dos homens. Uma é a deusa Demetra ou Terra, seja qual for o nome que lhe deres, pois ela sustenta os mortais com alimentos sólidos. A outra divindade vem competir com esta e é o filho de Sémele. Ele descobriu uma bebida, o sumo de uva, e introduziu-a no meio dos mortais para libertar os infelizes humanos dos seus padecimentos, embriagando-nos com o néctar da videira. O seu presente é o sono, o esquecimento dos males de cada dia e não há outro remédio para as penas humanas. Ele, que é

deus, oferece-se nas libações aos deuses; a ele, portanto, devem os homens todos os bens.”

Virgílio, *As Geórgicas*, IV (ed. Ruy Mayer, Livraria Sá da Costa, 1948.)

Segundo o mito narrado por Claudiano no “Rapto de Prosérpina”, dos séculos IV-V, a beleza de Prosérpina, filha de Deméter/Ceres, seduziu o deus Hades-Plutão, o senhor dos mortos e do submundo, que dela se enamorou. Porém, Deméter-Ceres não queria essa união, mas Hades persistiu, até que, um dia, Perséfone, que estava colhendo narcisos, foi raptada pela divindade e levada para o mundo dos mortos. A dramaticidade do texto de Claudiano foi marcante para inúmeros artistas, ao longo dos tempos, e tornou-se um tema mitológico inspirador. Por expressar essa dramaticidade, seleccionámos o grupo escultórico do da autoria de John Cheere (1709-1787) do Palácio Nacional de Queluz.



Imagem 31: Rapto de Proserpina. Cheere, John (1709-1787). Palácio Nacional de Queluz. Nº do inventário: PNQ 3266/1 [Aqui](#).



Imagem 32: Flora, Quinta da Regaleira, Sintra



Imagem 33: Ceres, Quinta da Regaleira, Sintra.

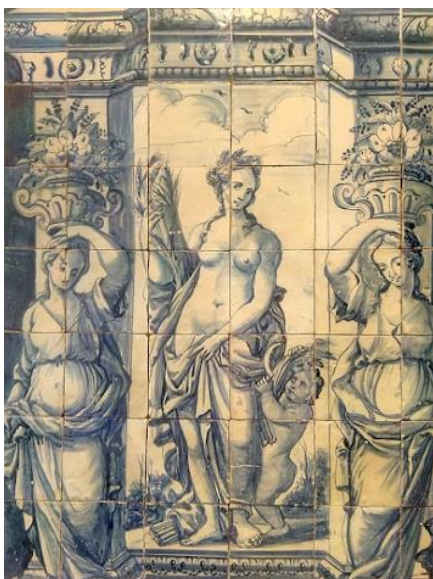


Imagem 34: Ceres, Museu Nacional do Azulejo. Nº Inv. MNAz 7015 Az. [Aqui](#).



Imagem 35: Ceres/Deméter Palácio Nacional de Queluz. Nº do Inventário: PNQ 3175. (1757 d.C. - 1765 d.C.). Sobre o braço esquerdo tem um molho de Espigas, que segura com a mão direita. [Aqui](#)



Imagem 36: Inverno. Coche do Oceano. Museu Nacional dos Coches.



Imagem 37: O Inverno. Palácio Marquês de Pombal. Oeiras. Fotografia Horácio Ramos
O Inverno, Quinta da Regaleira, Sintra.

Vénus, a deusa da beleza e do amor, será na epopeia de Camões, uma das divindades que apoia os portugueses no caminho marítimo para a Índia. É, portanto, natural que a sua presença seja uma constante, ao longo dos séculos.



Imagem 38: Coche das Infantas (pormenor). Painel com apresentação de Afrodite nadando, por entre os seus filhos Eroles ou Cupidos. 1750 d.C. - 1760 d.C. Museu Nacional dos Coches. N.º de Inventário: V 0020.

São conhecidas múltiplas representações de Afrodite/Vénus, desde a ocupação romana do território atualmente português, quer em inscrições, quer em estátuas de que destacamos a proveniente da *Villa* romana da Quinta das Longas, Elvas. Mas há vários exemplares de estátuas ou fragmentos, bem como epígrafes em sua honra, como é o exemplar de Miróbriga, Santiago do Cacém, que José d'Encarnação estudou e publicou, cujo dedicante é um *magister*. Prestar culto a Vénus era prestar homenagem à família imperial, como é sabido desde a sua associação ao culto imperial.

Em Miróbriga existe também um edifício de planta absidial muito possivelmente templo dedicado a Vénus. Uma inscrição em honra de Vénus corrobora o culto que a divindade teve nesse local.

"Sustentava contra ele Vénus bela,
afeiçoada à gente Lusitana
por quantas qualidades via nela
da antiga, tão amada, sua Romana;
nos fortes corações, na grande estrela

que mostraram na terra Tingitana,
e na língua, na qual quando imagina,
com pouca corrupção crê que é a Latina".

Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, O Consílio dos Deuses



Imagem 39: Inscrição com dedicatória a Vénus Miróbriga. Santiago do Cacém.



Imagem 40: Vénus. Quinta da Regaleira.



Imagem 41: Vénus e Cupido. Palácio Nacional da Ajuda

Embora nos tenhamos centrado mais nos Museus e Palácios de Lisboa, não podemos deixar de destacar a belíssima tapeçaria flamenga que pertence ao acervo do Museu Nacional Machado de Castro. Representa um episódio das *Metamorfoses* de Ovídio (livro IV), em que Vulcano prende, numa rede metálica forjada por si, Vénus e Marte, de modo a serem expostos aos deuses do Olimpo.



Imagem 42: Marte e Vénus surpreendidos por Vulcano. Museu Nacional Machado de Castro N.º de Inventário: 6050/T774. 1530 d.C. - 1550 d.C. Flandres. [Aqui](#).

“Vou contar-vos os amores do Sol.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

Foi este o primeiro deus, julga-se, a dar conta do adultério de Vénus com Marte: de resto, é o primeiro deus a tudo ver. Escandalizado com o caso, revelou ao marido, o filho de Juno, o amor secreto e o local dos furtivos encontros. A este caiu a alma aos pés, tal como a peça que as suas mãos de artífice seguravam. Logo fabrica com raro esmero finíssimas correntes de bronze, uma rede e laços capazes de passar despercebidos à vista (...).

Quando a esposa e o adúltero vieram encontrar-se no leito, na armadilha fabricada pela arte e a original técnica do marido são ambos apanhados, e ficam presos nos braços um do outro. De imediato, o deus de Lemnos escancarou as portas de marfim e fez entrar os deuses. Eles jaziam vergonhosamente enredados! E um dos deuses, divertido, diz que quem lhe dera ficar assim envergonhado. Os deuses desataram a rir, e por muito tempo esta foi de longe a história mais badalada em todo o céu."

Ovídio, *Metamorfoses*, Liv. IV. Cotovia. 2007. Trad. e notas Paulo Farmhouse Alberto.

No Coche das Infantas, do Museu Nacional dos Coches, Vénus surge-nos acompanhada dos seus filhos Eros ou Cupidos.

Eros cavalgando golfinhos é, aliás, uma associação bastante comum, remetendo a ambientes marinhos ou mesmo de infraestruturas aquáticas. Assume-se também como o salvador de náufragos, relembrando o lendário episódio de Dioniso, quando a divindade percebeu que os piratas que o atacavam tinham a intenção de vendê-lo como escravo. Transformou, então, os seus remos em serpentes, encheu o navio de hera e fez soar flautas invisíveis. Depois, paralisou o navio com grinaldas de vinha. Os piratas, enlouquecidos (de uma loucura estranhamente parecida com a embriagues sagrada), atiraram-se ao mar e transformaram-se em golfinhos. É por isso símbolo protector da vida e das actividades dos povos da beira-mar.

Também a deusa do amor Afrodite se metamorfoseou em golfinho, tornando-se a “mulher do mar”. Os golfinhos são muitas vezes representados junto com Posídon (Neptuno), o rei dos mares.



Imagem 43: Eros cavalgando golfinho, Disco de lucerna de Época Romana. MNA N° Inv. 987.55.38. Fotografia: José Pessoa DDF/DGPC.

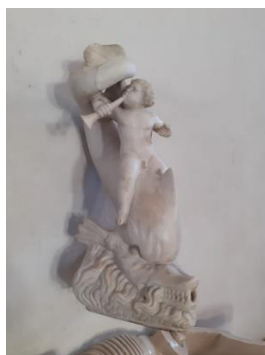


Imagem 44: Eros cavalgando um golfinho. Museu Nacional do Traje. Lisboa.



Imagem 45: Eros Cavalgando o Golfinho. Fonte do Ourives. Castelo de Vide. Fotografia Joaquim Carvalho.



Imagem 46: Torneiras em forma de Golfinho. Museu Nacional do Azulejo. Lisboa



Imagem 47: Eros "cavalgando" golfinhos e cisnes. Pormenor do Coche das Infantas. Museu Nacional dos Coches.

O Real Paço de Nossa Senhora da Ajuda é outro espaço impossível de esquecer, quando tratamos de Mitologia. Mandado erguer por D. José I (1714-1777) no alto da colina da Ajuda, este edifício, construído em madeira para melhor resistir a abalos sísmicos, ficou conhecido por Paço de Madeira ou “Real Barraca”. Substituiu o sumptuoso Paço da Ribeira que fora destruído no Terramoto que arrasou Lisboa em Novembro de 1755. A urgência da construção de um novo Palácio e o facto da Família Real ter sobrevivido ao Terramoto por se encontrar na zona de baixa sismicidade de Belém/Ajuda, justificou a escolha do local.

O novo Paço, habitável desde 1761, veio a ser a residência da Corte durante cerca de três décadas. Em 1794, no reinado de D. Maria I, um incêndio destruiu por completo a habitação real e grande parte do seu recheio. Coube a Manuel Caetano de Sousa, Arquitecto das Obras Públicas, a tarefa de projectar um novo palácio. O projecto, iniciado em 1796 sob a regência

do príncipe real D. João, foi suspenso decorridos cinco anos de construção, quando, em 1802, Francisco Xavier Fabri e José da Costa e Silva, arquitetos formados em Itália, foram encarregados de o adaptar, já numa corrente neoclássica.

Esta tarefa nunca veio a ser concretizada integralmente, em parte devido à fuga da Corte para o Brasil, em 1807, na sequência das invasões napoleónicas.

Nela trabalhavam os melhores artistas do reino de Portugal: Domingos Sequeira, Arcângelo Foschini, Cirilo Wolkmar Machado, Joaquim Machado de Castro e João José de Aguiar, dedicados essencialmente aos elementos decorativos pictóricos e escultóricos.

Quando, em 1821, a Corte regressou do Brasil, o Palácio ainda estava inacabado, e era apenas utilizado para cerimónias protocolares. Em 1826, após a morte de D. João VI (1767-1826), estando as alas nascente e sul já habitáveis, a infanta regente D. Isabel Maria (1801-1876) e duas das suas irmãs escolheram-no para sua residência⁵.

Uma intervenção efectuada no século XIX levou ao expoente a relação com as divindades, quando o próprio rei, D. João VI, é representado a regressar a Portugal vindo do Brasil, no carro do deus dos Mares com todo o seu séquito de Tritões, nereidas e Tágides, as ninfas do Tejo.

Exclusivas da mitologia nacional, sendo inspiração para muitos dos motivos decorativos abordados neste trabalho, é às Tágides que Camões pede inspiração para compor a sua obra *Os Lusíadas*, funcionando como musas inspiradoras para o autor relatar os feitos grandiosos.

A entrada da família real no Tejo é uma pintura, onde Tritões anunciam a dupla realza, a humana e a divina é uma obra interessantíssima. O príncipe regente vem sentado no carro de Neptuno que lhe cede o lugar e é acompanhado pelo séquito do rei dos Mares, ou seja, rodeado de Nereidas e Tritões.

Mas o Palácio está todo ele impregnado de cultura clássica. Apenas a título de exemplo, lembramos uma estatueta de B. del A Paris Chez N. Bonnart, datada de 1888, que nos remete para o mito de Eros e Psique que nos foi tão bem descrito na obra do escritor Apuleio, *O Asno de Ouro*, escrito no século II d. C.

⁵ Texto sobre o Palácio da Ajuda baseado no Roteiro do mesmo. 2011.
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760



Imagem 48: Réplica executada por B. del A Paris Chez N. Bonnart da obra “Cupido e Psyché” de António Canova, cujo original de encontra no Louvre. Número de Inventário: 43259. Palácio Nacional da Ajuda. [Aqui](#)

Vénus, grande companheira dos Portugueses desde o tempo dos Descobrimentos, e Mercúrio, o Mensageiro e o Viajante, são divindades que também têm entre nós grande representação, pois o seu destino fora caminhar mundo fora.

Sobre a Afrodite grega, a Vénus romana, há inúmeras histórias em torno da sua origem, bem como da sua vida amorosa e descendentes.

O poeta Hesíodo (c. 700 a. C.) narra-nos na sua *Teogonia* que Afrodite foi nascida da espuma do órgão imortal do Céu, cortado pela foice de Cronos.



Imagem 49: Quinta da Regaleira.



Imagem 50: Aftodite/ *Venus Calipigiam* . Quinta da Regaleira.



Imagem 51: Grupo escultórico representando Vénus (Afrodite) e Adónis, com um Cupido segurando uma Pomba (a ave de Afrodite/Vénus) e um Cão (galgo?) da autoria de John Cheere (1709-1787). Palácio Nacional de Queluz. [Aqui](#)

A mitologia diz-nos que, quando a apaixonada, Afrodite viu o seu amado Adónis ferido, pairando sobre ele a morte, a deusa foi socorrê-lo, tendo-se picado num espinho e o seu sangue coloriu de vermelho as rosas que lhe eram consagradas. Assim, na Antiguidade, as rosas eram também usadas sobre os túmulos como símbolo de luto.

Em Roma existia um festival em honra de Flora e de Vénus chamado “Rosália”, e todos os anos, no mês de Maio, as sepulturas eram adornadas com essas flores, provável.

São os amores de Vénus por Adónis que estão consagrados num grupo escultórico de autoria de John Cheere, datado de 1756, hoje localizado nos jardins do Palácio Nacional de Queluz.

Por sua vez, na Quinta da Regaleira, Sintra, o “Patamar dos deuses” é marcado pelo alinhamento de 9 estátuas de divindades clássicas, figurando Apolo Citaredo, *Venus Calipigia*, Mercúrio, Fortuna (?), Fauno-Pã, e quatro alegorias: Flora, como Primavera; Ceres como Verão, Pã, Dioniso como Outono e um ancião com brasas incandescentes, alegoria do Inverno.



Imagem 52: Quinta da Regaleira. Patamar dos Deuses. Fotografia a partir de [Aqui](#)

Destacamos aqui a *Fortuna Primigenia*, pois a sua representação é também recorrente em território nacional. Temida entre os Romanos, pois dela dependia, segundo os seus caprichos, a riqueza ou a pobreza, o poder ou a servidão, Fortuna comanda todos os acontecimentos da vida dos homens, motivo pelo que tem como atributo um leme.

Era representada com uma cornucópia ou corno da abundância, um dos seus atributos, e um timão, que simbolizavam a distribuição de bens e a coordenação da vida dos homens.

Também a cegueira ou a vista tapada (como a moderna imagem da justiça) são comuns nas suas representações, pois distribuía os seus desígnios aleatoriamente. Era ainda referida como calva, com duas asas nos pés e com uma roda.

Por vezes, é-lhe associado um Sol ou um Crescente, pois como eles, preside à vida na terra.

O mito diz-nos que Amalteia foi a cabra que alimentou com o seu leite o deus Zeus/Júpiter. Quando criança, ao brincar com ela, o pequeno deus teria quebrado um dos seus chifres. Como prova de gratidão, Júpiter transformou-o no corno da abundância, ou a Cornucópia que é símbolo maior parte das personificações romanas da Abundância, a exemplo de

Fortuna ou de Flora. Após a sua morte foi transformada na constelação Capricórnio.



Imagem 53: Abundância, ou a alegoria da Primavera. Coche dos Oceanos. Museu Nacional dos Coches

Mercúrio é, como referimos, uma divindade com ampla representação no território nacional, desde épocas remotas. Era o homólogo romano do Hermes grego, filho, segundo algumas versões do mito, de Zeus/Júpiter e da deusa Maia. Antes de ver os seus poderes acrescidos de se tornar o protector dos comerciantes e viajantes era mais associado à fertilidade, sorte, estradas e fronteiras.

O seu nome deriva da palavra *herma*, uma coluna quadrada ou rectangular de pedra, terracota ou bronze que servia como marco de encruzilhadas e caminhos protegendo viajantes ou pastores, e era colocada nas casas como garante da fecundidade.



Imagem 54: Mercúrio representado de pé, como jovem efebo desnudo, segurando com a mão esquerda o emblemático caduceu e apresentando, sobre a cabeça o *petasus*, de abas largas, característico dos viajantes. Na mão direita, semifechada, segura a parte superior da bolsa. Monte Molião. Museu Nacional Arqueológico.



Imagem 55: Escultura em mármore, em vulto perfeito, de homem jovem em pé, virada à esquerda, representando Mercúrio/Hermes. Palácio Nacional de Queluz. Número de Inventário: PNQ 3157 [Aqui](#).



Imagem 56: Mercúrio. Quinta da Regaleira.



Imagem 57: Pormenor de um dos Coches do Museu Nacional dos Coches.

À divindade mensageira que, com o seu caduceu transformava em ouro tudo em que tocava, assim se refere Camões:

"E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada,
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da índia, e onde a gente se reforme."

Quer Apolo, na sua versão citaredo, quer as Musas são representações constantes na iconografia desde Época Romana.

Apolo, também identificado como Febo (brilhante), era considerado o deus da juventude e da luz da verdade. Reconhecido primordialmente como uma divindade solar, surge, associado a Hélios. Era irmão gêmeo de Artemisa, conotada com a Lua.

Era descrito como o deus da divina distância, que ameaçava ou protegia desde o alto dos céus.

Os amores de Febo-Apolo pela ninfa Dafne são comumente representados ao longo do tempo.



Imagem 58: Apolo e Dafne, Painel VI (Apolo e Dafne). Mosaico das Musas. *Villa* romana de Torre de Palma., Monforte. Fotografia: José Pessoa. ADF/DGPC Arquivo de Documentação Fotográfica. Direcção Geral do Património Cultural. Museu Nacional de Arqueologia. Número de Inventário: 999.149.1

Narra-nos a Mitologia que Febo-Apolo se apaixonou pela ninfa Dafne que não lhe correspondeu. Dafne não aguentava mais a perseguição do belo deus Apolo e pediu a seu pai Peneu que lhe mudasse a forma. O pai atendeu ao pedido e transformou-a num loureiro. Com as folhas desta

árvore Apolo teceu uma coroa. Passou a ser o símbolo da divindade, representando a vitória e a glória.



Imagem 59: Apolo Citaredo. Quinta da Regaleira, Sintra.



Imagem 60: Apolo, Palácio Mesquitela, Lisboa



Imagem 61: Museu dos Coches. Coche dos Oceanos. Embaixada de D. João V ao Papa Clemente XI. Fotografia: Pedro Beltão. Museu Nacional dos Coches.



Imagem 62: Azulejo de Apolo e Dafne. Museu Nacional do Azulejo.



Imagem 63: B. del A Paris Chez N. Bonnart. XVIII d.C. Sala dos Últimos Quartos do Rei. Palácio Nacional da Ajuda. [Aqui](#)

O poeta Ovídio dá a este episódio um relevo extraordinário nas suas *Metamorfoses*:

“O primeiro amor de Febo foi Dafne, filha de Peneu. Não foi
o acaso ignaro a induzir-lho, mas a cólera cruel de Cupido.
[...] Logo este se enamora, a outra foge à ideia de um amante.
[...] Febo está apaixonado. Ao ver Dafne, deseja desposá-la,
e tem esperança no que deseja: os seus oráculos iludem-no.
[...] Ela foge mais veloz
que a leve brisa, nem pára quando ele a chama de volta [...].
“Ajuda pai”, gritou, “se vós, os rios, tendes poder divino!
Extingue e transforma esta figura, demasiado atraente!”
Mal termina a prece, um pesado torpor invade o corpo.
O macio peito da jovem é envolto por uma fina casca,
os cabelos alongam-se em folhas, os braços em ramos,
os pés, há pouco tão lestos, fixam-se em indolentes raízes;
o rosto faz-se copa: só o seu esplendor permanece nela.

Ainda assim Febo a ama. E apoiando a mão no tronco,
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

sente o peito ainda a palpitar debaixo da casca recente.

Abraça nos braços os ramos, como se membros fossem,
cobre de beijos o lenho; mas o lenho aos beijos se esquivava”.

Ovídio, *Metamorfoses*, (trad. P. Alberto), Lisboa, Cotovia, 2004.

Também no Palácio Nacional da Ajuda e no do Correio Mor, Loures, existem belíssimas pinturas com a representação deste mito, a última das quais da autoria de José da Costa Negreiros. (1714-1759).

A presença das Musas é também uma constante nos nossos Palácios.

As inspiradoras irmãs e acompanhantes de Apolo assim nos são introduzidas por Hesíodo:

“São estas aquelas que nos leitos de homens mortais,
sendo elas imortais, geram filhos semelhantes aos deuses.

(E, agora cantai, também a raça das mulheres, ó Musas

Olímpicas de voz doce, filhas de Zeus detentor da égide...”

Hesíodo, *Teogonia*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda S.A, 2014



Imagem 64: Apolo e as Musas. Teto da Sala do Rei. Palácio Nacional da Ajuda

O célebre “Mosaico das Musas” provém de escavações efetuadas na *Villa Romana* de Torre de Palma, Monforte, uma das mais notáveis casas agrícolas de Época Romana conhecidas no Sul de Portugal.

Trata-se de um mosaico tardio de uma oficina itinerante africana (possivelmente da Tunísia).

Descoberto em 1947, foi levantado, após escavações e levado para o Museu Nacional de Arqueologia. Era constituído por 11 painéis figurativos com temas mitológicos: Painel I (As nove Musas); Painel II (Cena Báquica); Painel III (Sileno e Sátiro); Painel IV (Duas Ménades); Painel V (Dois Membros do Tiaso); Painel VI (Apolo e Dafne); Painel VII (Hércules e Mercúrio); Painel VIII (Medeia Infanticida); Painel IX (Mégara e Hércules); Painel X (Triunfo de Baco); Painel XI (Teseu e Minotauro).



Imagem 65: Mosaico das Musas. Museu Nacional de Arqueologia. Na base está uma legenda: SCO [pa a]SPRA TESSELLAM LEDERE NOLI VTERI FELIX (“não estragues o mosaico com uma vassoura áspera. Felicidades”).



Imagem 66: Friso de tampa de sarcófago – filósofos e Musas – representação de Clío (pormenor). Mármore. Museu Nacional de Arqueologia. Inv.: 994.21.1 III d.C. - Época Romana. Fotografia: José Pessoa ADF/DGPC [Aqui](#)

Também a Medusa nos acompanha desde Época Romana, sendo comum reconhecê-la ao longo do tempo. Era esse monstro de onde saíam serpentes da cabeça com poder de transformar em pedra todos aqueles que a olham directamente, fazia parte das Górgonas. A mitologia grega referia a existência de três: Medusa, Esteno e Euríale. Ao contrário das outras duas, Medusa era mortal e, por isso, foi decapitada por Perseu. Este utilizou a sua cabeça como arma que foi oferecida à deusa Atena, pelo que aparece representada no escudo da divindade. É também por esse mesmo motivo que a imagem da cabeça da Medusa surge representada nos amuletos e mesmo nos escudos de alguns imperadores com carácter apotropaico, ou seja, protector.

"Atravessadas as ondas que separam os dois continentes, caminharás até ao luminoso oriente, onde alcançarás a gorgónica planície de Cistene, habitação dos Forcíades, essas três crianças velhas que têm a forma de cisne e que partilham apenas dum olho e um dente. (...).

Junto delas habitam as três irmãs aladas e de cabeleiras de serpentes, as Gorgonas..."

Ésquilo, *Prometeu Agrilhado*.

Um dos exemplares mais extraordinários do mito de Perseu em território português é a Pátera da Lameira Larga, Penamacor (BARATA, 2018).



Imagem 67: Pormenor da Pátera com o Mito de Perseu. Lameira Larga, Museu Nacional de Arqueologia [Aqui](#)



Imagem 68: Mosaico da Casa da Medusa. Alter do Chão.

“Belíssima, ela foi a esperança e a causa de ciúmes
de muitos; e mais belo que os cabelos nada
tinha. Conheci um que disse tê-la visto.
No templo de Minerva, o deus do mar violou-a,

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

dizem. Volveu, cobrindo o rosto casto, a filha
de Jove com o escudo. E como punição,
gorgóneas tranças converteu em torpes hidras.
E ainda agora, para infundir o terror
nos rivais, leva ao peito as cobras que criou” “.

OVÍDIO, *Metamorfoses*, Livro IV

O carácter apotropaico da Medusa cruzará os Tempos tendo penetrado mesmo no imaginário popular e, por isso, a encontramos representada, quer em pinturas, no interior e exterior de edifícios, quer em viaturas hipomóveis e em inúmeros objectos decorativos ou utilitários.⁶

⁶ Segundo ficha técnica de um escudo de torneio do Museu Nacional dos Coches, "nos antigos jogos equestres, a destreza e habilidade dos cavaleiros eram postas ao serviço da selecção dos afamados ginetes hispânicos. A uma função fundamentalmente prática, os jogos associavam um carácter lúdico e de aparato, para o qual concorriam a riqueza e o colorido dos arreios e demais acessórios de cavalaria. Não menos importantes eram as armas utilizadas pelos participantes - lanças, espadas, canas e pistolas -, bem como os escudos, decorados com motivos figurativos e simbólicos (...) Pelas descrições e gravuras coevas, é possível concluir que um dos motivos recorrentes era o da "cabeça da Medusa", usado tanto em escudos como em alvos fixos. O objectivo era idêntico: petrificar o atacante que, num misto de horror e encanto, seria compelido a investir, simultaneamente para abater o adversário (cumprir uma tarefa) e para conquistar o "fruto" apetecido. Esta ambivalência é, de facto, uma constante intemporal, conotada com a mais famosa das três Górgonas. (...) O escudo tem, portanto, uma função simultaneamente defensiva e ofensiva, através do qual o herói se apropria da força do adversário, tornando-se invencível. O mesmo duplo sentido pode ser encontrado na representação da cabeça da Medusa em acessórios de torneio e de jogos equestres do século XVIII. Para o cavaleiro que a transporta no seu escudo, a Medusa simboliza a inquestionável supremacia e a certeza de uma vitória fulgurante; ela é o seu aliado na luta, ao mesmo tempo que assegura um combate aguerrido ao produzir um efeito perverso sobre o inimigo".



Imagem 69: Escudo de torneio. Museu Nacional dos Coches (1770 d.C. - 1795 d.C.). Número de inventário: A 2575.

Atena e a sua homóloga romana Minerva têm também inúmeras representações em Portugal, quer de Época Romana, quer em fase pós renascentista.

Na Mitologia é “filha de Zeus detentor da égide, Atena de olhos garços” (Hesíodo, *Teogonia*, ed. 2014). Deusa da Sabedoria e da Razão, “Minerva, da oliveira a inventora”, é também a deusa das artes da guerra, motivo pelo que se faz representar com uma lança. Esses mesmos atributos são uma constante das suas representações ao longo do tempo.



Imagem 70: Atena. Painel de Azulejo 1725 d.C. - 1759 d.C.. Museu Nacional do Azulejo .
Número de inventário: MNAz 6116 Az. Fotografia: Teresa Henriques. [Aqui](#)



Imagem 71: Minerva - Alegoria do Conhecimento e da Sabedoria. Óleo sobre tela do teto da Sala dos Embaixadores, representando uma mulher de traje militar, sentada nas nuvens. Número de inventário: PNQ 970/20. XVIII d.C. - XIX d.C.



Imagem 72: Tapeçaria Triunfo de Minerva/ Série Triunfo dos Deuses. Urbanus Orley, Jan Van Orley, Augustin Coppens. Bruxelas. 1728 d.C. - 1729 d.C. Palácio Nacional da Ajuda. Fotografia: Henrique Ruas, 2003.

Também no coche do Embaixador (Embaixada de D. João V ao Papa Clemente XI) merece destaque. O alçado dianteiro é dominado por quatro figuras mitológicas: Sileno e um cavalo marinho e duas personagens em tamanho natural da deusa Palas (Guerra), representada com a mão direita erguida em acto de comando, e da Esperança Renascida, à esquerda, com um ramo de flores na mão.



Imagem 73 -Imagem 74: - Coche da Embaixada de D. João V ao Papa Clemente XI. Coche do Embaixador. Fotógrafo: Henrique Ruas, 1987. Copyright: © DGPC [Aqui](#). Fotógrafo: Henrique Ruas, 1987. Copyright: © DGPC.



Imagem 75: Carro Triunfal que integrava a Embaixada enviada por D. João V ao Papa Clemente XI, em 1716. Fotografia Pedro Beltrão. Museu Nacional dos Coches.

A Fama é também uma representação recorrente em Palácios e mesmo nos coches. Como portadora de boas novas, é representada iconograficamente sob a figura de uma mulher formosa a tocar trombeta. Como propagadora da mentira, identifica-se com a Calúnia.

A Fama, ou “Rumor”, como é denominada em Ovídio, era a mensageira de Júpiter. Os romanos descreviam-na como um monstro com asas e muitos olhos e orelhas, que ecoava pelo mundo todas as novidades, verdadeiras ou falsas. Residia num palácio nos confins da terra, do mar e do céu de onde se “avista tudo o que acontece em qualquer sítio, mesmo no mais distante, e todas as vozes lhe chegam às orelhas ocas”.



Imagem 76: Fama, Palácio Nacional da Ajuda. Fotografia: Alice Costa.
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
 DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

“NO CENTRO do mundo há um lugar situado entre as terras,
o mar e as regiões celestes, os limites do tríplice universo.
(...) Mora ali o Rumor. Escolhera casa para si no alto da cidadela.
À mansão proporcionou entradas sem conta e mil aberturas,
mas com portas nenhuma fechou os umbrais: de noite e de dia
permanece escancarada. É toda feita de bronze ressonante:
ela vibra toda, e ecoa as palavras todas, e repete o que ouve.
Lá dentro não há sossego nem silêncio em parte alguma.
Não é porém, um clamor, mas antes um murmurar baixinho,
tal como costumam soar as ondas do mar quando se ouvem
ao longe, ou como o som do troar dos derradeiros trovões
quando Júpiter faz ribombar as negras nuvens.
O átrio formiga de gente, vêm em vão, multidão insubstancial,
e por toda a parte vagueiam milhares de rumores, falsidades
à mistura com verdades, e fazem rebolar conversas confusas”.

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro XII (39-63).

De muitas outras divindades vos poderíamos falar, pois são uma presença constante nos inúmeros espaços que visitámos, mas esta foi a nossa primeira abordagem a este tema ciclópico, a que esperamos dar continuidade.

Referências bibliográficas

GODINHO, Isabel Silveira *et alii*, *Roteiro do Palácio da Ajuda*, IMC e Scala Publishers Lisboa. 2011.

APULEIO, *O Burro de Ouro*, (tradução Francisco António de Campos), Editorial Estampa (2ª edição). Lisboa. 1978.

BARATA, Filomena Barata, *O Tesouro romano de Lameira Larga. Penamacor*. Revista “Ebrobriga”, IX, Fundação, 2018.

IDEM, “Espécies animais de Miróbriga e suas referências bibliográficas e mitológicas”. *ABELTERIVM* IV. Alter do Chão. 2018. [Aqui](#)

IDEM, Espécies Vegetais de Miróbriga e suas referências bibliográficas e mitológicas. *ABELTERIVM* IV. Alter do Chão. 2018. [Aqui](#)

BARATA, 2021, “A Violência entre as Divindades: as Mulheres como Espelho”. *Mythos - Revista de História Antiga e Medieval*. Ano V, Número II.

BARATA, Filomena Barata (s.d.)–*O Voo dos Pássaros e o Valor das Aves*. [Aqui](#)

BESSONE, S. (coord.) AREU, Teresa; BARATA, Filomena; PALMA, Rosinda

“O Longo Caminho de Baco”. Google Arts&Culture. [Aqui](#)

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María, “El Sincretismo en la Hispania Romana entre las Religiones Indígenas, Griega, Romana, Fenicia y Místicas”. In: *La Religión Romana en Hispania*. Subdirección General de Arqueología del Ministerio de Cultura, , pp. 179-221. Madrid. 1982.

BLÁZQUEZ, José María, *El mito griego de Leda y el Cisne en los mosaicos hispanos del Bajo Imperio y en la pintura europea*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante. 2007.

CAETANO, Maria Teresa Valente da Silva, *Animalia quæ lacte aluntur: simbologia e estética nos mosaicos romanos da península ibérica*. (Tese de Doutoramento em História da Arte da Antiguidade, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Editora Caleidoscópio, Volume II (Iconographia). Lisboa, 2018.

CAMÕES, Os *Lusíadas*, Edição Expresso.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

CLAUDIANO (1991)–*O Rapto de Proserpina*. Editorial Inquérito. Lisboa. 1991.

ENCARNAÇÃO, José d' . Incrições romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização. Inst. Arq. da Fac. de Letras, Coimbra : 1984.

ÉSQUILO. *Prometeu Agrilhado*, Editorial Inquérito, Lisboa. Edição n. 16.

EURÍPEDES. *As Bacantes*, Edições 70, Col. Clássicos Gregos e Latinos, N.º 9, Lisboa, 1998 (tradução portuguesa, introdução e notas por Maria Helena da Rocha Pereira.

FERNANDES, Amélia e MATOS, José Luís de, *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: coleção de escultura romana*. Instituto Português de Museus. 1995.

GANDRA, Manuel J., *António Augusto Carvalho Monteiro Imaginário e Legado*. Instituto Mukharajj Brasilan & Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica-Cesdies. 2014. [Aqui](#)

GRIMAL, Pierre, *Diccionario de Mitologia Grega e Romana*. Edições 70. Lisboa. 2020.

GHEVALIER, Jean e CHEETBRANT, Alain, *Diccionario dos Símbolos*. Teorema. Lisboa. 1982.

GUERRA, Amílcar, Plínio-o-Velho e a Lusitânia. Edições Colibri, Lisboa. 1995.

HESÍODO, *Teogonia*, Int. e Trad. Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa 2014.

MONTERO HERRERO, Santiago, *Augusto y las aves*.

Las aves en la Roma del principado: prodigio, exhibición y consumo.

Publicacions i Edicions Universitat de Barcelona. 2007. [Aqui](#)

IDEM, *Diosas y Adivinas*. Editorial Trotta, SA. 1994 .

OVÍDIO, *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Livros Cotovia. Lisboa. 2007.

PETRÓNIO, *Satíricon*. Edições Europa América. Livros de Bolso. Lisboa. 2000

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 16-79.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13760

SANTO AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2ª Edição. [Aqui](#)

VERGÍLIO, *Geórgicas*, (Int. Tr. e notas: Gabriel A. F. Silva), Livros Cotovia. Lisboa. 2019.

VIRGÍLIO, *As Geórgicas de Virgílio, IV* (ed. Ruy Mayer, Livraria Sá da Costa, Lisboa. 1948.

VIRGÍLIO, *Bucólicas. Obras de Virgílio*. Temas e Debates. Lisboa. 1997.